



ESTUDO SOBRE AS CRISES EXISTENCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE: UMA COMPREENSÃO PELA FILOSOFIA DIALÓGICA DE MARTIN BUBER

NAIANA SILVA ARAÚJO¹
ALEX VIANA DE BRITO²

Resumo: O presente artigo traz a compreensão acerca das mudanças no contexto da sociedade contemporânea e a relação com o crescente cenário de crises existenciais. O estudo objetivou compreender esses fenômenos psicológicos a luz das contribuições do filósofo dialógico Martin Buber, através de uma revisão de literatura que trouxe essa aproximação das motivações das crises de sentido em vinculação ao atual contexto que se apresenta. Os dados obtidos apontaram relevantes proximidades entre a intensificação do consumismo, ideais de felicidade e individualização, que tem resultado na fragilidade das relações inter-humanas e consequentemente, aumento nas crises existenciais.

Palavras-chave: *Crises existenciais. Contexto. Relações inter-humanas.*

Abstract: The present article brings the understanding about the changes in the context of the contemporary society and the relation with the growing scenario of existential crisis. The study aimed to understand these psychological phenomena in light of the contributions of the Dialogical Philosopher Martin Buber, through a literature review that brought this approximation of the motive of the crisis of meaning in connection with the current context that presents itself. The data obtained pointed out relevant proximity between the intensification of consumerism, ideals of happiness and individualization, which has resulted in the fragility of interhuman relations and, consequently, an increase in existential crisis.

Keywords: *Existential crisis. Context. Inter-human relations.*

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea tem defrontado-se com um crescente cenário de crises existenciais, na qual Bauman aponta para a era dos sismos de existência, onde se perpetua um ciclo de medo diante das incertezas do viver moderno. As inescapáveis mudanças do contexto incentivam as pessoas a dedicar-se a sobrevivências individuais, diminuindo a importância de

¹ Graduanda do 4º período do curso de Psicologia pela *Faculdade Luciano Feijão* (FLF). E-mail: araujonaiiana@hotmail.com.

² Psicólogo. Docente do curso de Psicologia na *Faculdade Luciano Feijão* (FLF). Mestre em Saúde Pública pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: alexvbrito@gmail.com



alicerces coletivos, na qual resulta em um cenário de maior insegurança, solidão, privatização dos problemas e impotência (BAUMAN, 2007).

Do mesmo modo, a subjetividade também tem sido afetada pelos ideais modernos de consumo, controle pela alta tecnologia e influências midiáticas de liberdade e felicidade, que demanda um sujeito reprodutor de modelos, eficaz tecnicamente e que sustente a responsabilidade por suas escolhas. Desse modo, espera-se que os indivíduos sejam cada vez mais flexíveis, dispostos a mudar rapidamente de estilos, compromissos e táticas em prol do que apresenta-se como disponível no momento, mesmo que seja contra suas preferências (BAUMAN, 2007). Inevitavelmente, essa postura de subordinação pelo controle social coloca os sujeitos diante de questionamentos acerca de seu próprio ser, e assim, recaem sobre uma angústia existencial, na qual já era designada por Heidegger, como um sentimento de nada enquanto tal, que retira a possibilidade dos sujeitos compreender a si mesmo diante do desamparo de não conseguir nem mesmo definir o que propicia tal sofrimento (HEIDEGGER, 2005). Desse modo, o homem é tomado por uma estranheza de não reconhecer-se, abandonado em um ciclo de fragilidade, medo e solidão.

As relações inter-humanas também estão contidas nessa crise da atualidade, pois como colocado por Buber (1982), o diálogo é o elemento central da existência, e essas novas formas de configuração social tem fragmentado as relações, tornado esses diálogos cada vez mais monólogos e reduzidos a meras conversações (BUBER, 1982). Assim, ocorre o declínio de relações intensas e duradouras, decorrente da dificuldade de lidar consigo, e com o outro.

Martin Buber também traz em seus estudos a compreensão acerca da dualidade de atitudes do sujeito diante do mundo, através do que ele nomeia de palavras-princípio EU-TU e EU-ISSO. A primeira, referindo-se ao mundo da relação, vivido de forma recíproca e em totalidade. Enquanto a última, diz respeito ao mundo da experiência e objetivação (BUBER, 1974), modelo na qual a sociedade vem cada vez mais inserindo-se. Portanto, é mediante esse movimento de coisificação da sociedade moderna que se pressupõe estar intensificando-se as relações voltadas para a utilidade e inibindo-se as relações de reciprocidade, responsabilidade e presença genuína de um para com o outro.



Dessa forma, a pesquisa justifica-se pelo aumento de crises existenciais na contemporaneidade em meio a um contexto de relações instáveis e padrões pré-estabelecidos. Falar desta problemática também assume relevância social, uma vez que, somos sujeitos de relação e estas crises trazem prejuízos para a vida das pessoas não só no individual, mas também no coletivo. Portanto, objetivou-se compreender os impactos causados na vida dos sujeitos mediante o cenário da sociedade atual em detrimento as relações inter-humanas que aparecem fluidas e monólogas, a partir de uma compreensão dialógica pela filosofia de Martin Buber.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O percurso metodológico de condução da pesquisa tratou-se de uma revisão de literatura do tipo narrativa, que caracteriza-se por um estudo de publicações amplas, com estratégias de buscas flexíveis, que se propõe a discutir acerca de determinado assunto do ponto de vista teórico ou contextual, considerando a análise crítica pessoal do autor (ROTHER, 2007).

Foi utilizada a busca por publicações usando as bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS Brasil) e Google Acadêmico. As palavras chaves condutoras foram: “Crise existencial”, “sofrimento psicológico”, “contemporaneidade” e “cultura digital”. Os critérios de inclusão estabelecidos tratou-se de que os artigos deveriam ter sido publicados entre o período de 2010 a 2017, todos escritos em língua portuguesa, onde abordassem as temáticas de sofrimento psíquico e mudanças de contexto da sociedade. Enquanto os critérios de exclusão, foram artigos que não atendessem aos critérios citados anteriormente, como também publicações que tivessem como base a compreensão desses fenômenos contemporâneos a luz de outras abordagens que distanciam-se da compreensão mais existencialista.

Inicialmente foram encontrados 52 artigos, que com a aplicação dos filtros mencionados, como o período interessado, reduziu-se para 22, sendo excluídos mais 10 decorrente da abordagem distinta já citada no título. Das 12 publicações restantes, após ler os resumos, apenas 04 responderam as questões norteadoras e passaram a fazer parte deste estudo. A seguir, a tabela 01 traz uma visão geral dos artigos selecionados.



Tabela 01 - Resumo dos Artigos selecionados.

Título	Ano de publicação	Autor(es)	Breve resumo
A1. Aceleração social e cultura digital: Novas formas de dominação	2017	SEVERIANO M F V.	Estudo sobre os impactos na vida dos indivíduos frente a incessante inovação tecnológica e consequente escassez de tempo sob o amparo da cultura do consumo.
A2. A noção de sofrimento: possível contribuição da lente fenomenológica dos múltiplos contornos	2015	MELO A K S. <i>Et al.</i>	Compreensão da evolução do que entende-se por sofrimento até o cenário atual, possibilitando olhar por outras perspectivas esse fenômeno, para além dos significados comumente atribuídos de fraqueza e fracasso.
A3. Contemporaneidade e sofrimento psíquico: Relações entre modos de vida e demandas psicoterapêuticas	2012	EWALD A P. <i>Et al</i>	Estudo realizado em um Serviço de Psicologia que evidenciam a relação entre o que chega como demanda psicoterápica e o cenário atual, de fluidez, excessos, alta tecnologia que tem gerado aumento significativo de psicopatologias.
A4. Subjetividades cúmplices e o sofrimento psicossocial na contemporaneidade	2010	CANIATO A M P. <i>Et al</i>	Estudo acerca da subjetividade do homem contemporâneo e sofrimento psicossocial frente as organizações do trabalho e o significado que este ocupa na vida dos sujeitos, além de problematizar os desfreados impactos da cultura digital e consequente fragilização de vínculos.

Todavia, para que fosse possível trazer essa compreensão dialógica da filosofia de Martin Buber acerca desses fenômenos presente na atualidade, foram utilizados dois livros de sua autoria. Assim como, também foram utilizados outros dois livros do filósofo e sociólogo contemporâneo, Zigmunt Bauman, na qual deram fundamentação a pesquisa. Os respectivos livros podem ser observados na tabela 02, abaixo.



Tabela 02 - Livros utilizados.

Título	Autor	Ano de publicação
Eu e Tu	BUBER, Martin	1974
Do Diálogo e Do Dialógico	BUBER, Martin	1982
A sociedade individualizada: vidas controladas e histórias vividas	BAUMAN, Zygmunt	2009
Tempos Líquidos	BAUMAN, Zygmunt	2007

BREVES APONTAMENTOS ACERCA DO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

Atualmente, em face as múltiplas mudanças no contexto da sociedade, é notório que tem-se intensificado a cultura digital com desfreadas mudanças tecnológicas e privilegiado-se discursos midiáticos vinculando liberdade e felicidade ao consumo. Tais fenômenos já eram colocados por Bauman como marca de uma pós-modernidade, onde o ritmo tipicamente veloz e constantemente mutável do capitalismo demandaria um sujeito cada vez mais flexível as mudanças e individualizado (BAUMAN, 2001).

Segundo Ewald (2012), estas transformações tem colocado os sujeitos diante de uma intensificação da vida moderna, caracterizado pelo imediatismo, fluidez, eficácia técnica, consumos e excessos. Corroborando com o pensamento de Bauman (2009), ao apontar a versão do contexto atual, marcado pela liquidez, desestruturação dos laços humanos, valorização do capital, sucesso e trabalho (BAUMAN, 2009).

Esse movimento de modernização e suas possíveis consequências também já eram estudados pelos pensadores da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, na qual levantavam reflexões acerca desses modos de dominação social, onde o consumismo assume relevância na referência identitária dos indivíduos, manipulando seus ideais subjetivos pela lógica da indústria cultural (SEVERIANO, 2017). Desse modo, a vida dos sujeitos passam a ser controladas pela cultura do consumo de modo quase que imperceptível, onde a própria liberdade é colocada como uma ideia a ser consumida e a felicidade passível de ser recuperada pela ingestão pílulas (EWALD, 2012).



Em face a essa indústria cultural, onde ocorre a manipulação e modelação de sonhos e desejos a serem consumidos, para que assim ocorra o controle do consumo pela necessidade forjada que é apresentada aos indivíduos, o próprio “tempo livre” passa a ser alvo de produtividade pelo viés do lazer programado decorrente dos recursos tecnológicos (SEVERIANO, 2017). Ou seja, sutilmente a lucratividade se insere no tempo livre dos sujeitos através da inserção desfredda do progresso tecnológico, na qual, esse tempo supostamente livre é comumente gastado dando retorno produtivo e lucrativo aos sistemas de capitais pelo uso da tecnologia.

É deste modo que Marcuse, Adorno e Horkheimer, estudiosos da Escola de Frankfurt, apontam na dialética do esclarecimento a discrepância do progresso tecnológico em relação ao progresso humanitário, na qual todo o conhecimento desenvolvido, saber acumulado e riqueza social tem colocado o homem cada vez mais em posição de alienação, subordinado a produtividade e consumo, ao invés de contribuir no desenvolvimento humanitário e progresso na melhoria de vida da população em geral (SEVERIANO, 2017).

Bauman (2007), afirma que diante de todas essas transformações “o truque é se manter no ritmo das ondas. Se você não quer se afundar, continue surfando, e isso significa mudar o guarda-roupa, a mobília, o papel de parede, a aparência, os hábitos – em suma, você mesmo” (BAUMAN, 2007, p.108). Portanto, exigindo-se essa incansável adequação dos sujeitos ao viver frenético do mundo moderno e da cultura do consumo para que não fiquem a margem da sociedade, de modo que irremediavelmente, ambos os posicionamentos interferem em seus processos de construção da subjetividade.

Outro discurso que tem-se polarizado pela pelo viés da cultura digital e influência da mídia, é a ideia de “querer é poder”, na qual coloca-se todos os sujeitos como pertencentes de uma mesma realidade, sendo possível alcançar tudo que almejam se assim se esforçarem (EWALD, 2012). Assim, recai somente sobre os indivíduos a responsabilidade de escolher o caminho que lhe leve a alcançar um futuro bem-sucedido (MELO, 2015).

Essa concepção de liberdade e responsabilização individual pelas escolhas, também já eram apontadas por Bauman (2007), na qual ela relata que:



(...) se ficam desempregados, é porque falharam ao aprender as habilidades para se saírem bem numa entrevista, porque não tentaram com afinco, ou porque estão, pura e simplesmente, envergonhados de trabalhar. Se não estão seguros a respeito de suas carreiras futuras e se angustiam quanto ao futuro, é porque não são bons o suficiente em fazer amigos e influenciar pessoas, e porque falharam em aprender as artes da auto-expressão e de impressionar os outros (BAUMAN, 2007, p. 64 e 65).

Portanto, o que percebe-se com tais afirmações, é que qualquer consequência que fuja das normatizações impostas como ideais, é de responsabilidade somente dos sujeitos, pois foram estes que falharam no processo ou não esforçaram-se o suficiente para alcançar o objetivo idealizado. Desse modo, desconsidera-se quaisquer relevâncias de contextos e oportunidades diante das classes econômicas, colocando todos em um patamar de igualdade em busca de bons desempenhos e sucesso.

Todas essas mudanças tem colocado os indivíduos em uma postura de subordinação diante das novas condições de produção e exigências do mercado (SEVERIANO, 2017). Corroborando com Caniato (2010), ao afirmar que “os indivíduos sob a lógica do “merecer viver” se lançam a uma desenfreada busca de competência no trabalho, já que sua existência está intrinsecamente ligada ao seu valor de mercado” (CANIATO, 2010, p. 141). Ou seja, para além de uma necessidade de sobrevivência, o trabalho também assume uma representatividade social na vida dos sujeitos.

Em consonância com essa lógica capitalista, os sujeitos estão cada vez mais imersos em seus mundos individualizados, onde o movimento dialógico de voltar-se para o outro, de estar presente e escutar, tem assumido um movimento monólogo, de dobrar-se cada vez mais em si mesmo (BUBER, 1982). Não é que as pessoas não interajam mais umas com as outras, isso acontece, no entanto, esses diálogos estão quase sempre voltados para seus próprios interesses, tornando-se aí, uma mera ilusão que consequentemente resulta no enfraquecimento das relações inter-humanas.

Diante de todas essas modificações, as pessoas tem entrado em crise frente a “dificuldade de se reconhecer como um ser lançado no mundo, vulnerável, exposto a fragilidade, ao sofrimento, à frustração, a velhice e porque não a morte” (EWALD, 2012, p.128). E desse modo, o sentido de existir vem sendo questionado e confrontado na atualidade.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados trazem apontamentos acerca dos novos modos de estruturação e organização da sociedade contemporânea, na qual tem interferido na fluidez saudável das relações humanas, afetando os modos de viver e no psicológico dos sujeitos, causando-lhes demasiado sofrimento. Desse modo, os dados obtidos na pesquisa serão apresentados em duas categorias, sendo que, a primeira irá abordar sobre o modo como os sujeitos se sentem diante do paradoxo existencial contemporâneo, e a segunda tratará a compreensão acerca das crises de sentido também em decorrência do contexto atual.

PARADOXO EXISTENCIAL

Vem tornando-se cada vez mais comum as pessoas encontrarem-se diante do paradoxo existencial de estarem rodeadas de pessoas e ao mesmo tempo sentirem-se sozinhas. Esses mal-estar tem sido percebido diante da dessensibilização de escutar o outro em meio ao ritmo frenético do viver contemporâneo, onde os diálogos tem perdido seu significado genuíno de reciprocidade para assumir um demasiado palavreado (BUBER, 1982).

Quando Martin Buber vem falar da dualidade de atitudes do homem diante do mundo através das palavras-princípio EU-TU e EU-ISSO, ele traz essa compreensão acerca desses dois polos que o sujeito pode assumir diante do que se apresenta. Inclusive, que é impossível viver inteiramente imerso em uma relação EU-TU, caracterizada pela reciprocidade, presença, dialogicidade e responsabilidade, pois também faz-se necessário a objetivação, experiência e técnica que é própria da atitude EU-ISSO (BUBER, 1974). Desse modo, ele aponta essa compreensão do mundo do EU-ISSO e seus possíveis malefícios afirmando que:

A palavra-princípio EU-ISSO não tem nada mal em si porque a matéria não tem nada de mal em si mesma. O que existe do mal é o fato de a matéria pretender ser aquilo que existe. Se o homem permitir, o mundo do ISSO, no seu contínuo crescimento, o invade e seu próprio EU perde a sua atualidade, até que o pesadelo sobre ele e o fantasma no seu interior sussurrarão um ao outro confessando sua perdição (BUBER, 1974, p.33).

É dessa forma que os prejuízos da atitude EU-ISSO se apresentam. Quando o homem perde a capacidade de deixar-se envolver em relações de presenças recíprocas do tipo EU-TU, por



já estar imerso demais no individualismo e egoísmo do mundo EU-ISSO. E portanto, o que tem-se percebido na modernidade é essa intensificação de relações líquidas pela sobreposição de atitudes EU-ISSO, pois estar mais presente diante do outro implica um certo gasto de tempo, e como apontado nas análises realizadas por Severiano (2017), considerando as perspectivas teóricas desenvolvida pelos estudiosos da Escola de Frankfurt, em um mundo capitalista, o próprio tempo é algo a ser consumido pelo viés da produtividade e lucratividade (SEVERIANO, 2017).

De acordo com Caniato (2010), os indivíduos sob a lógica do viver frenético contemporâneo, apresentam gradualmente limitações quando se trata de mobilizar-se coletivamente, pois estão cada vez mais colonizados aos moldes de competitividade e individualismo exacerbado (CANIATO, 2010). Desse modo, ressaltamos novamente os apontamentos que Buber já trazia acerca dessa crescente adesão de posicionamento do homem diante do mundo na esfera do EU-ISSO, que conseqüentemente propicia o enfraquecimento de vínculos por pela inserção do imediatismo e objetivismo (BUBER, 1974).

Esse movimento de curvar-se sobre si e sobre seus próprios interesses também tem colocado os sujeitos diante das fragilidades do viver sozinho, como aponta Bauman (2007):

A vida solitária de tais indivíduos pode ser alegre, e é provavelmente atarefada – mas também tende a ser arriscada e assustadora. Num mundo assim, não restam muitos fundamentos sobre os quais os indivíduos em luta possam construir suas esperanças de resgate e a que possam recorrer em caso de fracasso pessoal. Os vínculos humanos são confortavelmente frouxos, mas, por isso mesmo, terrivelmente precários (BAUMAN, 2007, p. 30).

Desse modo, é possível perceber que o individualismo e a liberdade ofertada pelo modelo de vida contemporânea, impactam diretamente nas relações humanas. Afinal, em um mundo em que tudo é comercializado e descartável as próprias relações são tratadas como mercadorias. Assim, corroborando com o estudo realizado por Melo (2015), ao relatar que na modernidade as pessoas buscam por prazeres imediatos e por isso as relações são tratadas como objetos, passíveis de serem facilmente trocadas se não corresponder imediatamente ao que se espera no presente (MELO, 2015). Tornando-se portanto, cada vez mais difícil vivenciar relações duradouras e do modo inter-humano.



É importante esclarecer, que, para Buber (1982): “A esfera do inter-humano é aquela do face a face, do um-ao-outro”, (BUBER, 1982, p.138). Portanto, sendo indispensável a mutualidade, presença, confirmação. E como apontado nas análises realizadas por Severiano (2017), em decorrência da aceleração social informatizada, os recursos tecnológicos tem se proliferado no cotidiano dos indivíduos como uma próteses eletrônicas, na qual se perpetua essa desfredda dominação por comunicações virtuais (SEVERIANO, 2017), o que resulta na ausência desse aparato legítimo do face a face nas relações.

CRISE DE SENTIDOS

Diante de toda essas mudanças e intensificação da modernidade, onde a mídia e os recursos tecnológicos tem dominado os modos de vida sociais e individuais, as pessoas se auto responsabilizando por seus destinos, e as relações inter-humanas perdido seu significado genuíno diante das novas formas de dominação e liquidez do mundo moderno, o sentido de viver e ser no mundo também tem sido conturbado.

A idealização pela vida perfeita imposta pela mídia, que busca a todo custo padronizar os sujeitos vendendo a ideia de que para ser feliz tem que possuir o corpo, trabalho e até o amor ideal, tem colocado cada vez mais o homem diante da dualidade do ser e parecer.

Segundo Buber (1982), a vida humana pode ser distinguida por essas duas espécies de existência, “a partir do ser, a vida determinada por aquilo que se é; a outra, como a vida a partir da imagem, uma vida determinada pelo que se quer parecer” (BUBER, 1982, p.141). Em geral, essas duas espécies podem interagir entre si, no entanto, o levantamento desse questionamento é devido os moldes de vida atual, na qual intensificou-se a busca por aparências fantasmagóricas e quase que tem extinguido a realidade do ser. Em consequência dessa incansável busca de um parecer, o homem tem defrontado-se com angústia de não mais se reconhecer, e portanto não saber designar seu próprio viver.

Em consonância com Buber, Ewald (2012) relata que a busca por ideais utópicos contemporâneos tem forjado a realidade do ser, afetando diretamente na subjetividade, de modo que sentimentos de angústia e fracasso estão cada vez mais presentes, seguido de um vazio de



sentido diante da falta de legitimidade nas experiências (EWALD, 2012). Tal incoerência é observada justamente nesta busca incansável por imagens idealizadas de estilo de vida e comportamento, que são vendidos midiaticamente como adequados para a sociedade.

Esta padronização imposta pela mídia designando os novos modos de ser, também são apontadas nos estudos de Severiano (2017):

A identidade incondicional propaga-se nas redes sociais virtuais por entre os excessos e a avidez por reconhecimento e visibilidade; em meio a naturalização das velocidades das demandas e à imediatez das respostas em todas as esferas da vida; em face da permissibilidade e prontidão da invasão do próprio tempo livre pelas demandas da produtividade e do consumo fetichizado – concebidos como horizontalidade, multiplicidade e singularidade (SEVERIANO, 2017, p. 99).

Desse modo, ficando evidente o culto a uma vida marcada por aparência de liberdade, que está sob o controle das dominações tecnológicas, consumo e capitalismo frenético, na qual também modifica os modos de subjetividade e individualidade dos sujeitos que são atravessados por esse contexto. E assim, corroborando com Buber (1974) ao relatar que o homem tem assumido esse posicionamento de máquina dominada pelo poder, sujeito a mudanças e experimentação sem preocupar-se com seu próprio limite (BUBER, 1974). A consequência de tal subordinação é a crise de sentido, angústia e fragilidade ao deparar-se com a realidade da vida, quando colocada em cheque toda essa praticidade imposta pelo sistema capitalista.

Caniato (2010), relata que as crises na atualidade também intensificaram-se diante do modelo de homem que não pode demonstrar fraqueza, onde a angústia e tristeza tem que ser vividos na solidão. Corroborando com Melo (2015), ao afirmar que as pessoas sofrem ao evitar entrar em contato com o medo e a dor, pois o próprio sentimento de fuga já é causador de sofrimento (MELO, 2015). Tais afirmações vão de encontro com o que Buber (1974) aponta acerca das épocas mórbidas que o homem tem experienciado pela esfera do mundo do Isso, onde tem-se impulsionado essas vivências isoladas, rígidas e de caráter opressor (BUBER, 1974).

Essa morbidade pelos moldes de vida contemporânea, também são apontados por Severiano (2017), como uma adesão acrítica da lógica do sistema capital, na qual os indivíduos são colocados como receptáculo, absorvendo com prontidão o que o mercado impõe como ideal, desde consumo, produção e excessos, até a desagregação de vínculos em relações sociais



(SEVERIANO, 2017). É nesse mesmo viés que ressaltamos Buber (1974) ao afirmar que “o homem que vive no arbitrário não crê e não e não se oferece no encontro. Ele desconhece o vínculo; ele só conhece o mundo febril “lá fora” e seu prazer febril que ele sabe se servir” (BUBER, 1974, p. 38). Portanto, perdendo a legitimidade do seu ser, debruçando-se sobre o desespero de deparar-se com um Eu inatural, que restringe a possibilidade de encontros com diálogos recíprocos e aparato legítimo.

Todos esses apontamentos que tem sido causadores de sofrimento psíquico estão intrinsicamente ligados a atual organização da sociedade contemporânea, que tem prevalecido a exacerbação do individualismo e a conversação entre os sujeitos perdido seu diálogo genuíno para assumir demasiado palavreado, no qual estes não falam mais uns para os outros, mas, para si mesmo (BUBER, 1982). Corroborando com Ewald (2012) ao relatar que as relações humanas vem tornando-se cada vez mais superficiais, e o sujeito alheio ao sofrimento do outro (EWALD, 2012). A consequência disso, é a intensificação de indivíduos deprimidos, em crises de sentidos, envolvidos em relações vulneráveis e com dificuldade de lidar com suas próprias questões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos argumentos aqui exposto, pode-se perceber que as crises existenciais contemporâneas são atravessadas por um cenário moderno de constantes transformações, que demanda um sujeito padronizado e capaz de atender aos estereótipos estabelecidos. As relações inter-humanas tem perdido sua legitimidade e tornado-se fluidas diante de tal configuração, com diálogos egocêntricos e ausência de uma presença recíproca, que inevitavelmente emerge o sofrimento.

O movimento de dobrar-se sobre si e seus interesses tem colocado os indivíduos em uma posição cada vez mais individualista, onde os modos de dominação capitalista, exige dos mesmos esse posicionamento de agilidade e adequação as mudanças, de modo que a liberdade de escolha coloca-os como responsáveis por seu próprio futuro, recaindo somente sobre estes a culpa e frustração se não alcançarem o sucesso idealizado.



O culto por aparências fantasmagóricas influenciadas pela mídia, como apontado por Buber, também tem sido causadora de sofrimento, pois diante da busca frenética de adequar-se aos moldes de ser e viver contemporâneos, os sujeitos tem deixado de lado a realidade que vivem e se constituem, e ao tentar se reconhecerem, deparam-se com a fragilidade de seu ser.

Em consequência do paradoxo de sentir-se sozinhos diante do ritmo frenético de viver, onde ninguém tem mais tempo para nada, tem-se intensificado essa fragilidade dos laços inter-humanos, onde o diálogo, elemento fundamental da esfera do dialógico, tem perdido seu significado genuíno e dado espaço para meras conversações com demasiado palavreado.

Desse modo, pode-se perceber que as pessoas têm sentido os duros impactos da modernidade, onde a euforia dos novos modos de ser tem afetado no viver dos sujeitos e contribuído na intensificação de sentimentos como insegurança, medo, angústia, culpa, desânimo e tristeza, na qual tem colocado cada vez mais as pessoas diante de questionamentos a respeito do sentido da vida e do existir.

REFERÊNCIAS

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução do Alemão, introdução e notas de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo; Editora Moraes, 2ª edição, 1974.

BUBER, Martin. **Do Diálogo e do Dialógico**. Tradução por Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg; Produção e revisão: Plínio Martins Filho. São Paulo; Editora Perspectiva, 1982.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade Individualizada: vidas controladas e histórias vividas**. Tradução José Gradel. Rio de Janeiro; Editora Jorge Zahar; 2º edição, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro; Editora Jorge Zahar, 2007.

CANIATO, Angela Maria Pires; CESNICK, Claudia Coutrim; ARAÚJO, Juliana da Silva. **Subjetividades cúmplices e o sofrimento psicossocial na contemporaneidade**. Florianópolis; Revista Psicologia e Sociologia, Vol. 22, n. 2, p. 48-57, 2010.

EWALD, Ariane Patrícia; MOURA, Michelle Thieme de Carvalho; GOULART, Samira Meletti da Silva. **Contemporaneidade e sofrimento psíquico: Relações entre modos de vida e demandas psicoterapêuticas**. Curitiba; Revista Psicologia Argumenta, Vol. 30, n. 68, p. 119-129, 2012.

HEIDEGGER, Martin **Ser e Tempo**. Tradução Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis-RJ; Editora Vozes; 15ª edição, 2005.



MELO, Anna Karynne da Silva; PAIVA, Juliana Ribeiro; MOREIRA, Virgínia. **A noção de sofrimento: possível contribuição da lente fenomenológica dos múltiplos contornos.** Fortaleza; Revista de Psicologia, Vol. 6, n. 1, p. 48-57, 2015.

ROTHER, Edna Terezinha. **Revisão Sistemática X Revisão Narrativa.** São Paulo; Revista Acta paul. enferm. vol.20 no.2, 2007.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira. **Aceleração social e cultura digital: Novas formas de dominação.** Piracicaba; Comunicações, V.24, n.2, p. 83-101, 2017.